

**ENTRE CLAMOR, TRANSIÇÃO E VIBRAÇÕES:
CONTROVERSAS SOBRE CONSERVADORISMO E CAMPO
RELIGIOSO BRASILEIRO NO CONTEXTO DA COVID-19**

*Between clamor, transition and vibrations: Controversies of conservatism
and the brazilian religious domain in the context of COVID-19*

Giovanna Sarto*

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
ORCID: 0000-0001-7765-6196

Paulina Valamiel**

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
ORCID: 0000-0002-7114-8091

Sílvia Fernandes***

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
ORCID: 0000-0001-7951-7931

Resumo

Desenvolvemos no presente artigo uma reflexão a partir da análise de mensagens trocadas por grupos de *WhatsApp*, ligadas a narrativas religiosas institucionais e não institucionais sobre a COVID-19. As mensagens analisadas foram coletadas entre abril e maio de 2020, durante o período inicial da pandemia do Coronavírus no Brasil. Discutimos a presença e as novas roupagens de uma tônica conservadora nas narrativas selecionadas, com o objetivo de tecer considerações

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPCIR/UFJF), bolsista CAPES. Correo electrónico: giovanna.sarto@ich.ufjf.br

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGS/UFMG), bolsista CAPES. Correo electrónico: paulinavalamiel@live.com

*** Professora Associada da UFRRJ; Dra. em Ciências Sociais. Atua no PPGCS/UFRRJ e como professora externa no (PPGSP/UENF). Correo electrónico: fernandes.silv@gmail.com

que trataram de algumas especificidades e contradições que o campo religioso brasileiro, particularmente no que diz respeito à tônica conservadora, apresentou neste contexto tão específico da modernidade. Ao final, os resultados teóricos apontaram a insuficiência do termo “conservadorismo” para expressar o que se observou nas mensagens.

Palavras-chave: Conservadorismo; Religião; Campo Religioso; COVID-19; Brasil.

Abstract

In this article, the authors have developed a reflection based on the analysis of messages exchanged within WhatsApp groups, linked to institutional and non-institutional religious narratives regarding COVID-19. The analysed messages were collated between April and May 2020, during the initial period of the coronavirus pandemic in Brazil. The authors discuss the presence and the new guises of a conservative tone in the selected narratives, with the objective of considering some specificities and contradictions that the Brazilian religious domain, particularly with regard to the conservative tone, presented in this very specific context of modernity. Consequently, theoretical results pointed to the insufficiency of the term “conservatism” to express what was observed in the messages.

Keywords: Conservatism; Religion; Religious Domain; COVID-19; Brazil.

Introdução

Em 11 de janeiro de 2020, a província de Wuhan, na China, registrou a primeira morte por um tipo de infecção respiratória aguda causada por uma transmutação do vírus SARS-CoV, ou Coronavírus (G1 Globo, 2020), inaugurando o que seria, então, a grande pandemia do início deste século. Num tempo de modernização aguda, no qual a globalização e a transnacionalização tecem as relações econômicas, políticas e sociais, a ampla circulação de pessoas

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

entre as cidades e os diversos países facilitou a contaminação e disseminação do vírus e, em pouco menos de dois meses, a presença da COVID-19 foi registrada na maioria dos países do globo (BBC News, 2020). A partir de então, considerando as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), evidenciou-se que uma nova configuração da vida passou a ser estabelecida entre os sujeitos e as sociedades. Junto às medidas de distanciamento social intensificou-se a virtualização das relações, uma vez que a internet se tornou o principal mecanismo facilitador das sociabilidades nesse contexto específico da vida contemporânea.

O Brasil já vinha enfrentando uma crise política, econômica e institucional há alguns anos (Almeida, 2019). Em 2020, a polarização sintomática dessas crises continuou a tecer os novos contornos tanto no cenário macropolítico quanto em nível micro. Como acréscimo às crises instaladas, a pandemia alterou de modo radical as relações cotidianas com impactos na vida privada dos indivíduos. Como recurso subjetivo de sobrevivência os indivíduos recorreram massivamente às redes sociais e às plataformas de comunicação virtual na reinvenção da vida que se restringia ao lar (Fernandes, 2021).

Foi nesse contexto de crise gerada pela instabilidade das instituições e dos sistemas peritos (Giddens, 1991) somada à possibilidade de fim da existência que as religiões ganharam ainda mais destaque na paisagem sociopolítica brasileira. Haja vista a importância da Bancada Evangélica em decisões do Senado, ou, ainda, do disparo de mensagens informais de cunho religioso dos mais diversos grupos ligados às tradições católicas, evangélicas, espíritas, “New Age” pelas redes sociais no período das eleições de 2018. No âmbito simbólico-religioso (Luckmann & Berger, 2018), observou-se a configuração de campos em disputa. O mesmo ocorreu no universo político, principalmente através da elaboração de um conjunto de narrativas sobre as mutações da conjuntura brasileira frente às crises instaladas, com ênfase na crise sanitária.

No que diz respeito aos múltiplos universos religiosos, deve-se mencionar a obsolescência das interpretações binárias acerca do tema da secularização, uma

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

vez que, ao contrário de uma disjunção completa entre religião e Estado, identificou-se a presença da religião enquanto parte vital da modernidade (Burity & Andrade, 2011; Montero, 2014). Especificamente no que tange à relação entre Religião e Estado, o cenário que se observou carrega em si certa complexidade desafiadora. Conforme aponta Camurça (2009), no Brasil, a forte presença de uma mentalidade de cunho tradicional operou uma “diluição das segmentações”, tornando compatíveis elementos que se apresentam excludentes entre si. Na modernidade, as religiões operam dentro da própria lógica jurídica proposta pela democracia liberal; ou seja, elas disputam, junto a outros movimentos civis, pautas específicas equivalentes a seus interesses. Nesse contexto, não se trata mais de eleger a “melhor” religião (conforme talvez tenha sido em um outro momento da história do país, que teve como resultante a hegemonia católica), mas conjuntos de práticas que compõem condições de plausibilidade; uma “*ação complementar infinita*” (Camurça, 2009; 2017).

Dessa maneira, no contexto da COVID-19, a esfera religiosa, especialmente em suas interseções com a política no Brasil, atuou na construção de narrativas que visavam a oferecer interpretações sobre o fenômeno, suas causas e implicações na sociedade brasileira. Assim, agentes religiosos trouxeram à cena pública tanto preocupações políticas e econômicas sobre a pandemia quanto um discurso marcado por elementos de natureza terapêutica como recursos para o enfrentamento da doença, conforme pontua Mansilla (2020). Com a intensificação da virtualidade em razão do distanciamento social imposto pelos governos estaduais, indivíduos e grupos religiosos passaram a veicular, por meio de suas redes e plataformas digitais, interpretações e questões relacionadas à COVID-19 numa evidente demonstração da articulação entre as esferas religiosa, cultural e política.

Considerando o sobredito, o presente artigo desenvolve uma reflexão a partir da análise de narrativas e controvérsias¹ religiosas institucionais e de

¹ O termo controvérsias vem sendo usado na literatura socioantropológica brasileira para expressar as tensões inerentes aos distintos discursos produzidos no campo e que assumem uma natureza pública. Cf. Giumbelli (2014).

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

indivíduos religiosos sobre a COVID-19 durante a primeira fase da pandemia no Brasil. Nosso interesse está particularmente nas narrativas, interpretações, recursos terapêuticos e posicionamentos sobre a COVID-19 dispostos no campo das religiões no Brasil contemporâneo e as possíveis relações com as representações políticas dos indivíduos. Assim, observamos material institucional e não-institucional de diferentes vertentes religiosas, em especial o que foi propagado informalmente nas redes sociais por sujeitos religiosos pertencentes às classes médias, representantes ou não de alguma tradição ou movimento religioso mais amplo, durante o período de março a abril de 2020, em meio a Pandemia da COVID-19.

No que diz respeito às mensagens compartilhadas por religiosos e não religiosos nas redes sociais, especialmente por *WhatsApp*², sendo elas notas institucionais ou narrativas informais, selecionamos um total de 30 mensagens, que foram separadas de acordo com os grupos religiosos aos quais pertencem. Estudos clássicos apontam que, ao oferecerem linguagens simbólicas acessíveis aos sujeitos, as religiões cumpriram papel didático e difusor de informações que podem ser propagadas por milhares de pessoas e grupos em poucas horas (Luhmann, 2007).

Durante o primeiro ano da pandemia e sua configuração no Brasil, perguntávamo-nos o que o conteúdo das mensagens dos grupos de *WhatsApp* que analisamos poderiam revelar acerca das representações que indivíduos religiosos produziam sobre a doença. Desse modo, orientadas por uma perspectiva socioantropológica pretendíamos responder a algumas questões: qual era a natureza dos conteúdos veiculados nos grupos? Quais interpretações sobre a pandemia eram veiculadas? Que aspectos poderiam ser identificados acerca do

² As mensagens foram acessadas via grupos virtuais na plataforma do *WhatsApp*, como o intitulado “Doutrina Espírita”, com 74 participantes; grupos de igrejas daimistas, como o grupo da “igreja Céu do Espírito Santo”, com 63 participantes; grupo “Feminino Sagrado na Penha”, com 37 participantes; ou ainda, do grupo católico carismático “Mães que oram pelos filhos”, com 78 participantes, sendo a maioria deles residentes em Minas Gerais. Há também mensagens recebidas em grupos familiares das autoras, que não estão vinculados diretamente a religiões específicas, mas por onde circulam mensagens das mais variadas vertentes religiosas presentes no Brasil.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

comportamento político desses grupos durante o período inicial de isolamento social?

Discursos religiosos no *WhatsApp* e conservadorismos - aproximações e distanciamentos

Ao observarmos as possíveis interpretações religiosas que circularam nas redes sociais sobre a pandemia no Brasil, identificamos a presença latente do que poderia ser entendido inicialmente como uma tônica conservadora que permeou o conteúdo dessas mensagens. Sendo assim, para adentrarmos na análise do conteúdo dessas mensagens, reconhecemos a importância de uma breve discussão sobre o conservadorismo como categoria analítica frequentemente acionada no debate sociopolítico no Brasil.

Importa posicionar os leitores e leitoras realizando uma breve digressão histórica para compreendermos as nuances da categoria. Segundo Helga Gahyva (2017) o conservadorismo é uma categoria epistemológica utilizada para observar um movimento filosófico e político que tem início na Europa, no século XVIII, frente às mudanças e transformações que surgem no período do Iluminismo e da Primeira Revolução Industrial. Frente às novas alternativas, os conservadores propunham a manutenção do poder vigente, a fim de preservar a ordem e o progresso – em especial, naquele momento, demonstrando um apreço pelas instituições da Idade Média. Alguns autores e autoras enfatizam o caráter pessimista dos conservadores, que estaria em contraposição à máxima gramsciana, tornando-se “otimismo da razão, pessimismo da vontade” (Gahyva, 2017). Nesse caso, o tipo ideal do conservadorismo seria o sujeito cauteloso em relação às grandes mudanças sociais, uma vez que ao conservador importa o gozo com a realidade disponível, sem voos utópicos (Gahyva, 2017; Oakeshott, 1999).

A ideia de que o pensamento conservador emerge quando a sociedade vê seus fundamentos ameaçados é desenvolvida por João Coutinho (2014). Tendo como pano de fundo a Revolução Francesa, Coutinho (2014) defende que a crença no racionalismo leva os revolucionários a crerem nas mais distintas

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

utopias, porque a premissa da transformação do mundo estaria diretamente associada à crença na perfeição intelectual humana. Dono de um pensamento controverso sobre a capacidade de mudança de uma dada sociedade, o autor nos ajuda a refletir se o que temos denominado como conservadorismo no Brasil de fato remonta às definições europeias acerca desse pensamento. Em outra perspectiva, Roberto Romano (1994) defende que o conservadorismo seria “o medo de que a população estrague a festa do poder, destruindo a segurança, a propriedade, os vínculos da tradição, as inovações técnicas que só beneficiam alguns. Trata-se de conservar o social e o Estado (...)” (Romano, 1994, p. 29).

No caso brasileiro, o conservadorismo assume contornos próprios. Ao contrário de sua origem europeia, aqui ele tece relações bastante aproximadas com o conservadorismo estadunidense e fundamentalista (Souza, 2017). Mas cabe ainda guardar distinções entre o conservadorismo religioso e político, ou ao menos, buscar compreender as situações em que um e outro operam ou se confundem. Nesse sentido, advogamos que o termo “conservadorismo” não seja usado sem uma clara conceituação, e preferencialmente, que seja associado a uma situação concreta em que possa ser sociológica e antropológicamente verificado.

Segundo Cunha (2016, p.152), o conservadorismo brasileiro, especialmente o religioso, caracteriza-se pela forte aproximação dos discursos com o âmbito moral e que integram um conjunto de valores e visões de mundo de uma dada sociedade. Quando construídas ou acionadas por parte dos grupos religiosos, as narrativas vinculadas aos ideais e práticas do conservadorismo religioso tendem a defender verdades dogmáticas a partir da Bíblia, solapando e rejeitando discursos e condutas não alinhadas a determinados preceitos cristãos, especialmente no que tange à moralidade sexual.

Ainda, a natureza do conservadorismo defendido por determinados grupos cristãos, aqui incluindo-se evangélicos e católicos, apresenta-se ancorada na crítica ao socialismo, frequentemente confundido e mesclado com a ideia de comunismo, além de incluir a normatização da vida privada em temas da esfera

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

íntima, tais como a orientação sexual do sujeito, o sexo pré-marital e outros temas que envolvem o campo jurídico, como por exemplo o aborto e a manipulação de células tronco (Machado, 2014). O sociólogo Jessé Souza (2018) identifica no Brasil a presença de um “culturalismo conservador” em que se destacariam, primordialmente, a persistência de valores ascéticos na cultura brasileira. Por sua vez, Ronaldo Almeida (2019), ao analisar os movimentos que tecem as arenas de disputa do cenário político brasileiro desde o período pré-eleição de 2018, aponta que o conservadorismo se constituiria como uma ideologia política atuante nesse contexto, como uma “resultante de diferentes forças políticas atuais na crise brasileira” (Almeida, 2019, p. 186), isto é, “um vetor que tem apontado a direção e sentido do processo social em curso” (ibid., p.186). Esse conservadorismo sai em defesa do capitalismo e do militarismo (Nogueira, 2002), assumindo um tom menos moderado e muito mais radical. Para alguns grupos religiosos, tal radicalidade apresenta-se numa espécie de “missão”, cujo objetivo é “converter” todas as pessoas a uma interpretação unívoca acerca da moral e dos chamados “bons costumes”.

Sob essas lentes, o que se denomina conservadorismo religioso no Brasil é, na verdade, a atitude que busca manter uma determinada tradição moral. Esta tradição está ancorada em princípios tradicionalistas que se organizam sob o pano de fundo cristão, ao mesmo tempo em que o excedem. Dessa forma, atribui-se elementos próprios notadamente no que tange à dimensão da moralidade e menos no que se poderia atribuir aos anseios de justiça social. Nesse sentido, na direção do que aponta Souza (2017) observamos que as tensões deste campo extrapolam as definições mais tradicionais de conservadorismo. Outro aspecto que merece atenção é que, se tomadas as argumentações de João Coutinho (2014, p.47), de que há “maleabilidade” nos princípios do conservadorismo clássico, por respeito à dinâmica das circunstâncias sociais, temos no conservadorismo religioso e político brasileiro uma nítida contradição desses princípios: maleabilidade e respeito ao pluralismo. Defendemos, portanto que o termo “conservadorismo político-religioso”, conforme postulado por Joanildo Burity, Rogério Silveira e

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

William Beltrán em entrevista mencionada por Cunha (2020, p.26), parece mais apropriado para estudar fenômenos específicos do contexto latino-americano. Isto é,

o que se dá na contemporaneidade em termos de radicalização no espaço público, posturas de intolerância, recusa ao diálogo, reconstrução da ordem moral e idealização do que existiu no passado, politização do dogmatismo religioso, extremismo religioso e fanatismo, não seria fundamentalismo tal como a noção se construiu nas origens (Cunha, 2020, p. 26),

mas sim uma intersecção entre fundamentalismos religiosos e o conservadorismo político na América Latina.

Os Religiosos diante da Pandemia

Ao chegar ao Brasil, a COVID-19 escancarou as contradições de um país fragilizado, polarizado, política e economicamente instável. Como já mencionado anteriormente, o acúmulo político teve como resultado, até então, a ascensão de uma ideologia *liberal, restritiva e impopular* (Souza, 2018, p. 73). A mesma instabilidade política e econômica passou a se refletir nos hábitos de vida da massa da classe média, que muito além das flutuações econômicas, também passou a experimentar a instabilidade frente às instituições sociais gerais, como o próprio judiciário em crise (Almeida, 2019). Conforme argumentou Giddens (1991), na modernidade tardia, política, economia e os sistemas peritos intensificaram sua instabilidade para essa classe média. Nesse contexto, a religião assumiu um papel ainda mais importante de oferta de sentido, promoção de vínculos ainda que provisórios, dada a mobilidade sociorreligiosa, e amparo.

A nova configuração de mundo diante da pandemia logo começou a gerar seus primeiros impactos nas dinâmicas da vida cotidiana. Se, de um lado, a Organização Mundial de Saúde e autoridades médicas gerais postulavam o isolamento social como uma medida importante de proteção, o então Presidente

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

da República, Jair Bolsonaro, sustentou, em um pronunciamento no dia 24 de março de 2020, sua posição contrária às recomendações (Notícias Uol Brasil, 2020 a). Para ele, uma crescente *histeria social* se instaurava em torno da pandemia (Notícias Uol Brasil, 2020 b). Bolsonaro encontrou reforço em sua principal base de apoio, formada por um setor reacionário da ala dos militares, algumas fileiras do movimento evangélico e católico e uma parcela da classe média, que já demonstrava apoio indiscriminado à figura do presidente desde as eleições de 2018 (Almeida, 2019).

A literatura aponta que o rearranjo da relação entre religião e política no Brasil contemporâneo ganhou novos contornos na cena pública desde a configuração de uma Bancada Evangélica no âmbito legislativo, na década de 1970 (Mariano, 2004). O catolicismo vem perdendo adeptos há algumas décadas, em razão da intensificação do pluralismo religioso no Brasil (Fernandes, 2019b; 2021) e de uma certa incapacidade de acompanhar as novas demandas subjetivas colocadas pelo processo de modernização religiosa brasileira. Por outro lado, conforme pontua Silveira (2008), com o arrefecimento de grupos católicos progressistas, a Renovação Carismática Católica (RCC) passou a se constituir como uma das principais expressões do catolicismo brasileiro, mas novas faces de um catolicismo em teor ultraconservador começaram a emergir. Nessa direção, o catolicismo desses segmentos alinou-se a determinadas correntes de denominações evangélicas de natureza conservadora, nos termos sobrescritos.

Mas o cenário brasileiro apresenta uma pluralidade religiosa que vai muito além da disputa entre evangélicos e católicos ou destes em suas diferentes vertentes. Grupos kardecistas, de religiões afro-brasileiras e novos movimentos religiosos, da chamada Nova Era (Amaral, 2000), também integram o campo religioso, oferecendo narrativas sobre o sentido da vida para o sujeito contemporâneo cuja existência é permeada pela multiplicidade de possibilidades de escolha nas mais distintas esferas da vida, incluindo a religião.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

A oferta de serviços religiosos que existe há algum tempo no mundo virtual, durante a Pandemia da COVID-19, em função do isolamento social, capitaneou ainda mais a ofensiva virtualizada dos mais diversos grupos religiosos. Esses intensificaram a oferta de seus serviços espirituais no meio virtual e suas diferentes interpretações religiosas acerca da Pandemia na sociedade brasileira e no mundo. O ritmo célere dos acessos às redes sociais; a extensiva possibilidade de viver uma espécie de espiritualidade mediada – considerando que os novos meios funcionam como mediadores na relação do sujeito com o universo religioso – fortaleceram a experiência espiritual e religiosa em tempos pandêmicos. Como nos assinalou Peter Berger (2017), no pluralismo há distintos delineamentos da coexistência entre religião e secularidade e talvez possamos pensar que o advento das tecnologias digitais e a subsequente proliferação das redes sociais sejam um aspecto desses delineamentos possíveis.

Evangélicos e Católicos: “A cura virá da Igreja”³

E se o meu povo, que chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra. (2 Crônicas 7:14)

Nesta seção agrupamos as duas maiores tradições religiosas no Brasil - de acordo com o último censo brasileiro feito em 2010 (IBGE, 2010). Mas estamos cientes da heterogeneidade presente em cada vertente. A pluralidade de movimentos e tendências derivadas de rupturas institucionais e, em alguns casos, teológicas, ou simplesmente orientados pelo princípio da pluralidade interna, como é o caso do catolicismo (Fernandes, 2019a) sempre nos exigirá cuidado com as generalizações. A opção pelo agrupamento de católicos e evangélicos em

³ Fala enunciada pelo Prefeito em exercício, Washington Reis, da cidade de Duque de Caxias, baixada fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, no mês de abril. Disponível em <<https://www.brasil247.com/brasil/prefeito-de-duque-de-caxias-que-disse-que-a-cura-vira-da-igreja-e-internado>> Acesso em 06 de maio de 2020.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

nossa análise no presente trabalho se deu particularmente pelo característico protagonismo do conservadorismo político-religioso católico e do conservadorismo político-religioso em alguns segmentos evangélicos, entendendo que o comportamento desses grupos transborda os limites de apenas uma “conservação da ordem”, atuando mais como ação missionária, em especial na vida pública e em sua disputa por esse espaço (Camurça, 2009).

Enquanto a crescente bancada evangélica se reúne em torno do Congresso Nacional, muitas vezes inclinada à moralização da política, o catolicismo ainda luta ativamente em prol da manutenção de seus símbolos e tradições (Mariano & Oro, 2014). De modo não muito diferente dos evangélicos, no que tange à moralização da política, alguns grupos católicos também apresentam o mesmo entusiasmo no que se refere, especialmente, à implementação de políticas públicas referentes ao aborto, à união estável entre casais homoafetivos, divórcio, ou ainda nas questões dos direitos reprodutivos de mulheres (Souza, 2016; Luna, 2002). Caminhando na mesma direção, identificamos elementos semelhantes entre as mensagens compartilhadas por estes grupos na rede do *WhatsApp*. Seu discurso religioso combina preocupações morais que se somam a recursos simbólicos voltados para a *solução mágica de problemas cotidianos* (Mariano, 2004), nesse caso a solução mágica da Pandemia. Assim, alguns grupos do segmento evangélico mantêm a fundamentação de propostas e ações que resultariam na vitória contra o diabo, o que nas mensagens analisadas demonstra ser análogo à pandemia, às supostas mentiras sobre o confinamento e, em alguns casos, à oposição ao “líder supremo da nação, o presidente Jair *Messias* Bolsonaro” – “Líder supremo da nação” é a exata expressão utilizada pelo locutor do vídeo “Jejum pelo Brasil” para se referir ao Presidente Jair Bolsonaro.

Enquanto característica que chama atenção, no que tange à atuação de evangélicos na política durante a pandemia, a cura pela fé encontrou fortes afinidades eletivas junto à postura de Bolsonaro de negar a crise sanitária. Desse modo, como tanto o presidente quanto algumas lideranças evangélicas rejeitavam as instruções das autoridades nacionais e internacionais de saúde, um grande

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

momento de visibilidade evangélica se deu, especialmente, na campanha de um “jejum pelo Brasil”, apoiada por lideranças como R. R. Soares, Pastor Mário de Oliveira, Marco Feliciano, Edir Macedo, Valdemiro Santiago, entre outros. Embora um grande número de evangélicos tenha participado do ato, a adesão ao jejum não foi hegemônica na comunidade evangélica no país. Igrejas como a Presbiteriana Independente do Brasil e a Igreja da Esperança, em Belo Horizonte, afinaram-se com os posicionamentos contrários ao jejum, junto a lideranças como a do pastor Guilherme de Carvalho e o missionário e teólogo Caio Marçal, que é coordenador da Rede Fale. A pastora luterana (IECLB) Romi Márcia Bencke, secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), também se posicionou contrária à campanha do “Jejum pelo Brasil” (Rede Brasil Atual, 2020). Embora essa contracorrente não tenha tido a mesma visibilidade nas redes sociais quando comparada à visibilidade dos pastores alinhados com Bolsonaro, ainda assim, merece destaque. De fato, o movimento expressa diferentes correntes do campo evangélico, sublinhando-se as visões dos segmentos mais progressistas, no sentido de estarem alinhados com os discursos defensores de pautas como defesa da democracia, direitos humanos e justiça social. Marcadamente, o CONIC reúne igrejas com esse perfil.

O vídeo que convidava os brasileiros para o jejum no dia 05 de abril de 2020 foi compartilhado em diversas redes sociais vinculadas a diferentes igrejas e ao presidente Jair Bolsonaro. Em nossas redes de *WhatsApp*, o vídeo foi veiculado por pessoas diferentes, vinculadas ou não a igrejas evangélicas. No *YouTube*, foi publicado pela Igreja Batista Getsêmani, sob o nome “Clamor e Jejum pelo Brasil – 05 de abril – Convocação do Presidente Jair Messias Bolsonaro” tendo até o dia 03 de julho de 2020 um total de 117.772 visualizações, 5,8 mil curtidas e 653 reações negativas.

O vídeo é iniciado com a locução: “Os maiores líderes evangélicos deste país atenderam à proclamação santa feita pelo chefe supremo da nação, o presidente Jair Messias Bolsonaro. E convocam o exército de Cristo para a maior campanha de oração e jejum já vista da história do Brasil”. A hashtag

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

#JejumPeloBrasil logo passou a condensar o clamor político evangélico pela nação. A maioria das lideranças que participaram do vídeo convidaram a população a jejuar e orar pelo país. Curiosamente, o vídeo – que foi lançado em meio à crise que fora intensificada pela pandemia da COVID-19 – evidenciava a presença do afeto patriótico que guiaria o jejum naquele domingo. Em se tratando das possíveis referências à COVID-19, os pastores Marco Feliciano e Abílio Santana se apresentaram como os únicos a fazerem menção direta à pandemia. No vídeo, Marco Feliciano afirmou: “Vamos pedir misericórdia para que essa praga que veio pelo mundo cesse e que todas as previsões ruins feitas aqui no Brasil caiam por terra”. Já Pastor Abílio Santana afirmou: “O coronavírus está com as horas contadas porque o povo de Deus vai entrar em oração”. Por fim, “domingo, dia 05/04/2020, a igreja de Cristo na Terra irá clamar e o inferno irá explodir”, afirmou o locutor, no encerramento da chamada.

Na manhã de domingo membros da Comunidade Evangélica Projeto de Deus, de Ceilândia, no Distrito Federal, apareceram vestidos de verde e amarelo em oração de frente para o Palácio da Alvorada (Notícias Uol Brasil, 2020 c). Até o fim da tarde, Bolsonaro esteve presente entre as pessoas que jejuavam ali, quando, após o pôr do sol, ajoelhou-se com os fiéis e orou pelo Brasil. O grupo encerrou o encontro com a chamada “oração universal do Pai Nosso”. Merece atenção a presença de um padre – cujo nome não conseguimos identificar, mas que pode ser visto no vídeo disponível na matéria do jornal El País (2020) – entre os evangélicos que ali estavam. Embora em menor número quando comparados aos evangélicos, um grupo da Renovação Carismática Católica encarregou-se de visitar o presidente Jair Bolsonaro na noite de quarta-feira, isto é, três dias após o Jejum Pelo Brasil. Os católicos, que contrariavam a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), carregavam uma imagem de Nossa Senhora de Fátima e uma bandeira do Brasil, enquanto rezavam pelo presidente e contra o comunismo (Notícias Uol. 2020, d). É interessante a opção dos católicos pela imagem de Nossa Senhora de Fátima, já que o elemento simbólico invocado pela

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

imagem remete ao apoio ao regime ditatorial de Salazar, em Portugal⁴. Curiosamente, nos conteúdos das mensagens de aparição de Nossa Senhora de Fátima há várias alusões ao comunismo, ou ao mal que a Rússia poderia fazer ao mundo (Rampinelli, 2011).

A visita acima mencionada foi gravada, compartilhada no *WhatsApp* e publicada no *YouTube* pelo canal “Eu creio”, sob o título “Nossa Senhora visita o presidente Bolsonaro”, com 2718 visualizações, 124 curtidas e 7 reações negativas até o dia 03 de julho de 2020. No vídeo, uma pessoa diz que os católicos que ali estavam rogavam, a pedido da própria Nossa Senhora de Fátima, pelo fim do comunismo, numa fala que muito se aproximava das enunciadas pelo Jejum pelo Brasil, em que havia uma aposta messiânica na figura de Bolsonaro.

Alguns dias depois da presença evangélica e católica no palácio do governo, passaram a circular nas redes sociais mensagens compartilhadas durante a pandemia. Seu conteúdo consistia, principalmente, em textos imagéticos que traziam figuras como a de Jesus e Jair Bolsonaro caminhando de mãos dadas; e, em outras, em que Jesus, acima de Bolsonaro, dava as mãos ao Presidente em um gesto que simbolizava ajuda vinda dos céus. E, ainda, uma mensagem com a figura da Virgem Maria sobre Bolsonaro, o que sugere acolhimento e algum tipo de relação maternal semelhante à de Maria com Jesus.

Desvinculadas da imagem propriamente dita do presidente ou de figuras cristãs, algumas mensagens traziam interpretações sobre a pandemia como uma justa punição lançada sobre a Terra em virtude dos “afrontamentos a Deus”, tendo como exemplo as representações de um “Jesus negro” no desfile da escola de samba da Mangueira, no carnaval de 2020, no Rio de Janeiro ou, ainda, das sátiras ao cristianismo feitas pela equipe de humor do programa “Porta dos Fundos”. Nesse caso, a dimensão conservadora político-religiosa se apresentava nas mensagens analisadas a partir de uma proposta de que, diante da maldição do

⁴ Para mais informações, recomendamos: RAMPINELLI, Waldir José. Fátima, o salazarismo e o colonialismo. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP, 2011. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/waldir-jose.pdf>> Acesso em 01 de maio de 2020.

coronavírus, o povo de Deus precisaria se humilhar e se converter aos caminhos de Jesus para que assim Ele pudesse curar a Terra. Dessa maneira, observou-se, dentro do cenário da Pandemia da COVID-19 e da crise política, o apoio mútuo entre o presidente e setores evangélicos e católicos.

Nesse caso, retomando a discussão feita acima sobre o conservadorismo político-religioso, percebemos, a partir dessas mensagens, um discurso que afirmava: 1) a legitimação do presidente Jair sobre a nação como uma ação divina, 2) a possibilidade de cura coletiva pela fé daqueles que oram, afinal, 3) o exército de Cristo na Terra tem a arma da fé e da oração para lutar contra a praga lançada sobre a Terra. No caso do terceiro ponto, a *praga* refere-se tanto ao vírus quanto à praga do comunismo, que, para os sujeitos religiosos em relevo, é representada por aqueles que não se alinham às pautas defendidas pelo presidente Jair Bolsonaro.

Espiritismo e religiões afro-brasileiras: a regeneração da Terra

Dentre as diversas narrativas e bens simbólicos dispostos no mercado das religiões durante a pandemia, um segundo grupo também merece destaque em nossa análise. Nele, incluímos o espiritismo kardecista brasileiro⁵ e as religiões afro-brasileiras. A aposta se deu em função da proximidade histórica entre o Espiritismo, especialmente figurado na centralidade da Federação Espírita do Brasil, e as diversas vertentes daquilo que se designa como “religiões afro-brasileiras”. Essas últimas ganham contornos específicos no primeiro governo de Getúlio Vargas e, no caso da Umbanda, só passa a ser reconhecida enquanto religião oficial, separada do espiritismo, nos anos a seguir, no período de 1960 (Prandi, 1990).

No que tange ao campo espírita, autores como Lewgoy (2006) e Machado (2014) demonstram que o conservadorismo político-religioso se faz presente no

⁵ Aqui tratado como a corrente que chega ao Brasil em meados do século XIX sob influências da corrente espírita francesa de Alan Kardec e do moderno espiritualismo estadunidense, cujo início se deu com as irmãs Fox (Costa & Portella, 2019).

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

discurso de espíritas desde a sua inauguração no campo religioso brasileiro. Isso porque, segundo esses autores, o espiritismo brasileiro recebeu influência sobretudo da segunda onda do espiritualismo estadunidense, cuja ênfase no progresso estava alinhada a um discurso de conservação da *ordem*. Dessa forma, Lewgoy (2006), Miguel (2010) e Signates (2019) observaram que, devido à centralização institucional da religião, o conservadorismo espírita brasileiro tem quase sempre um discurso moderado, com tom bastante secular, forte entusiasmo pelo progresso técnico-científico alinhado à preservação da vida, geralmente em conformidade com a ordem política vigente.

Os conteúdos selecionados para essa análise, em muitos momentos, apresentavam certa porosidade com os conteúdos divulgados pelos grupos mais alinhados à Nova Era, uma vez que a maioria deles têm em comum uma estrutura narrativa que se dá a partir de canalizações mediúnicas de espíritos ou de entidades afro-brasileiras, que oferecem explicações, previsões e mensagens de conforto para seu público diante da pandemia.

A autora Leila Amaral (2000) entende a Nova Era como um movimento heterogêneo, que não se apresenta como uma instituição, antes se trata de um sincretismo em movimento. “Nova Era” deve ser entendido como um adjetivo e não enquanto um conceito, uma vez que serve de horizonte para se pensar uma série de movimentos plurais presentes na modernidade. Vale mencionar que a Nova Era tem sua gênese muito antes da efervescência da década de 1960, expressando assim elementos muito próximos do período romântico, como a ideia de um “finito perpassado pelo infinito” (p. 25) que seria, então, resultante da insatisfação com a superficialidade da realidade. Há, nessa insatisfação, uma busca pela totalidade significativa da verdadeira essência da vida, compreendendo, também, a vida enquanto uma manifestação da realidade infinita dos mistérios do universo. Neste horizonte da Nova Era, tudo seria considerado transitório diante de uma ideia de um universo que é divino.

Nesse caso existe, no espiritismo e nas religiões afro-brasileiras, como a Umbanda, uma perspectiva moral acerca dos sentimentos e emoções sentidos

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

pelos habitantes da Terra, que tende a auxiliar no momento de transição vivenciado por todos durante este período. Dessa maneira, o que definiria essas emoções como boas ou ruins seria a sua ressonância com o progresso evolutivo de uma moral cristã voltada para a solidariedade ou a caridade.

Em se tratando da construção dessas narrativas, o médium Divaldo Franco, importante figura espírita, propõe, em entrevistas que mais tarde se tornaram mensagens em audiovisual para *WhatsApp*, certa linearidade relacionada a previsões anteriores sobre o momento atual. É o exemplo do vídeo de título “Coronavírus – Pandemia – Divaldo Franco”, postado na página do *Facebook* “Mensagens de Divaldo Franco e amigos”, no dia 15 de março de 2020 e que até o dia 03 de julho de 2020 contava com 2,1 mil reações e 165 comentários. Ou ainda do vídeo “Coronavírus, Divaldo Franco”, compartilhado pela mesma página, também no dia 15 de março de 2020, com até julho do mesmo ano, 1,1 mil reações e 68 comentários. Essa mesma narrativa, que liga previsões realizadas anteriormente ao momento atual, parece estar presente também em outros conteúdos compartilhados por espíritas nas redes sociais. Por exemplo, a que circulou pelo *WhatsApp* sob o título “O Alvorecer de uma Nova Era” e foi recebida pelas autoras em diversos momentos. A mensagem veiculada em 24/03/2020, tida pelos espíritas como “psicografada”, carrega um claro tom apocalíptico:

Vivemos nesses dias de dores e apreensões, medos e preocupações, o alvorecer de uma nova era cujos clarões começam a despontar no horizonte. (...) Consoante a simbologia do texto bíblico, é chegado o instante dos bodes se separarem das ovelhas (Mt 25:31-46), o joio do trigo (Mt 13:24-30) e os que ajuntam dos que espalham (Lc 11:23), de cada um optar pelos caminhos que deseja palmilhar nas veredas do universo... Não estranhemos que tudo proceda com esse *modus operandi*, o Codificador assinalou com clareza em A Gênese, no seu capítulo dezoito, quais seriam os sinais dos tempos e pontuou de modo objetivo que essas mudanças se operam lentas e imperceptíveis ou bruscamente. Assim, tudo quanto ocorre neste cenário, que assusta e inquieta, requisita de cada ser um retorno às bases do

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

Evangelho. (...) O Espiritismo (é) (...) uma ferramenta de trabalho que precisa ser empregada na construção de um mundo novo a partir da reconstrução de nós mesmos. É uma chave que nos desperta e amplia a consciência adormecida. (Mensagem recebida por psicografia intuitiva por Cezar Braga Said em 24.03.2020). (Reprodução de trechos de mensagem recebida pelas autoras, no grupo “Doutrina Espírita”, via *WhatsApp*, em 04 de abril de 2020).

Divaldo Franco apresenta essa linearidade ao retomar previsões de Kardec (2007) e Francisco Xavier (em uma fala que fez no programa Pinga Fogo, na TV Tupi, em 1971), por exemplo, que sinalizam um momento em que a Terra passaria por um processo de transição, deixando de ser um planeta de “provas e expiações” para uma terra “regenerada” (Youtube, 2020, a). Com esses argumentos, Divaldo sugere que a pandemia da COVID-19 surge nesse contexto como uma possibilidade concedida por Jesus Cristo, que nos poupou dos horrores de uma guerra nuclear para que assim pudéssemos passar por um período de aprendizado intenso da importância da coletividade. Essa estrutura de narrativa permeia, de maneira geral, a maioria das mensagens espíritas aqui analisadas:

Mas creiam! O que acontece nesse momento é uma oportunidade única que outros Orbes não tiveram. A guerra nuclear era o carma da raça humana. A autodestruição o seu destino. Mas esse planeta tão amado por Jesus recebeu a chance maravilhosa de ter um chamado diferente. Em vez de se autodestruírem para aprenderem a fraternidade, se afastarão, para aprenderem na dor da solidão a importância do coletivo. Sentirão, na falta de contato humano, a importância de um abraço. Os seus contatos virtuais não serão suficientes para aquecerem seus corações. Dor, lágrima e sofrimento ainda serão sentidos nos próximos meses. Mas feliz daquele que entende esse momento sublime” (Reprodução de mensagem recebida via *WhatsApp*, através do grupo “Doutrina Espírita” – em 06 de abril de 2020).

Seguindo tal sentido, o Coronavírus seria, então, um “vírus abençoado”, afinal, conforme o texto “Em 15 dias”, compartilhado nas redes sociais e disponível no canal do *YouTube* de Rolando Boldrin, com 1.029.573

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

visualizações, 53 mil curtidas e 1.411 comentários até o dia 03 de julho de 2020, interpretado pelo ator, “nos foi ensinado que a dor é professora”. Há, portanto, uma Terra regenerada a ser alcançada pelo progresso, na qual o *ethos* da solidariedade será o principal valor moral que guiará as dinâmicas sociais nesse novo futuro. Nesse caso, o atual cenário que se configura a partir da pandemia representaria uma “transição vibracional”. Sendo assim, “enquanto a solidariedade se destaca em alguns, outros exacerbam seu egoísmo, deixando evidente quem serão os futuros moradores da Terra regenerada”. Entre as mensagens analisadas essa se mostrou uma das mais populares, tendo, até o momento, várias versões publicadas; entre elas, até mesmo uma versão com a atriz brasileira Claudia Raia (Youtube, 2020, b).

Mas em nenhuma dessas leituras há um consenso entre as hierarquias espíritas. Durante o mês de março de 2020, a Federação Espírita Brasileira emitiu uma nota de esclarecimento, disponibilizada em seu site, na qual afirmou não ter recebido nenhuma mensagem de espíritos com referência à pandemia da COVID-19 (FEB, 2020). Na sequência, convida os espíritas a analisarem criticamente todo o conteúdo recebido, uma vez que sua divulgação foge ao controle e à centralidade da Federação.

No caso das religiões afro-brasileiras, ainda que possuam aproximações históricas com o espiritismo, – sobretudo porque no período Vargas a filiação à Federação Espírita Brasileira foi uma garantia de manterem seus terreiros funcionando na legalidade, com menores riscos de repressão – na prática funcionam de maneira descentralizada (Negrão, 1996). Uma característica dessas religiões é justamente a autonomia dos centros, sendo a mãe ou pai de santo sua autoridade geral (Prandi, 1990). Outra característica diz respeito à forte tradição oral presente nos terreiros e demais templos afro-brasileiros no Brasil. E ainda, na Era digital, observamos que muitas atividades dos terreiros já acontecem no cenário virtual, como cursos, workshops, fóruns, transmissões ao vivo no *YouTube* e até videoaulas explicativas sobre elementos dessas religiões. Exemplo disso é o umbandista e *youtuber* Alan Barbieri, que até o fim da escrita deste

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

texto contava com 661 mil inscritos em seu canal; ou Carol Filha de Oyá, umbandista que possui 149 mil inscritos. Há ainda, Pérola D'Iemanjá – A Umbanda Na Minha Vida, com 233 mil inscritos.

Verificamos certa dificuldade de acesso às mensagens divulgadas por esses grupos via *WhatsApp*, especialmente pela sua porosidade com o kardecismo e o que entendemos como Nova Era. Um exemplo é a umbandista Pérola D'Iemanjá, que postou uma interpretação da mensagem “Em 15 dias”, já mencionada anteriormente. Em sua maioria, as mensagens encontradas utilizavam o recurso da gravação das falas de entidades incorporadas, como pretos velhos e caboclos, o que se afina com o *setting* dessas religiões, especialmente a Umbanda. Se no Espiritismo a psicografia ganha protagonismo nas publicações de conteúdos escritos, a cultura oral das religiões afro-brasileiras funciona, especialmente, a partir do fenômeno da incorporação ou do alinhamento dos médiuns a entidades arquetípicas da cultura brasileira.

Outro comportamento observado durante esse período, foi o compartilhamento de imagens que incluíam a figura da entidade Omolù (divindade da varíola, deus das pestes, mas também das doenças da pele; a sua imagem iconográfica manifesta uma simbologia carregada de significados), orixá representativo da cura de enfermidades (Caprara, 1998), que sugere um apelo à cura da Terra. Nessas imagens, Omolù aparece sozinho ou jogando pipocas no Planeta Terra. Curiosamente, Omolù é uma das entidades cultuadas, em maior parte, pelos terreiros de candomblé. No entanto, as pessoas que compartilhavam as mensagens com a figura do Orixá não eram pertencentes a essa religião. Ao contrário, possuíam um perfil daquilo que entendemos como “Nova Era”, de que trataremos mais adiante.

No que diz respeito à cena pública, a constante resistência cultural dos povos de terreiro ainda existe sob ameaça de perseguição e carece de representatividade na política. Embora sejam religiões à margem das correntes hegemônicas cristãs presentes no Brasil, no espaço dos terreiros circula também a classe média brasileira. No entanto, esse dado não faz com que essas religiões

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

se configurem enquanto movimentos de elite, uma vez que seu forte apelo popular ainda dialoga com parte significativa das classes sociais mais desfavorecidas socioeconomicamente (Van Der Port, 2012). Nossos dados mostram que há dissensos, portanto, também entre as religiões afro-brasileiras e Espiritismo no que se refere às interpretações sobre os sentidos da pandemia.

O mesmo mosaico de diversidades ilustra fortes movimentações dessas correntes, retomando o apelo à tradição enquanto legitimação de sua pureza. Isso ocorre especialmente nos terreiros de candomblé (Camurça, 2017), por exemplo. De acordo com Beloti (2019), o candomblé é uma religião amoral; ou seja, não possui uma codificação moral organizada tal como nas tradições judaico-cristãs. A umbanda é uma religião que mescla elementos do cristianismo, do Candomblé e do Espiritismo e apresenta, em sua cosmologia, figuras arquetípicas da cultura brasileira alinhadas ao princípio norteador da caridade. A caridade, enquanto valor moral da Umbanda, também ilustra algumas das semelhanças desta com o Kardecismo.

Estamos conscientes do tom generalista das definições apresentadas aqui, uma vez que entre a umbanda e o candomblé, além de afinidades, há o sincretismo que as constituem e suas variações, muitas vezes em um mesmo terreiro. Assim como a pluralidade de umbandas, o candomblé também possui suas nações, como ketu, jeje, jeje-ketu, nagô, entre outros. Nesse caso, seguimos essas definições enquanto tipos ideais (Weber, 2003) para a análise dessas narrativas a fim de estabelecer um caminho para a observação das narrativas predominantes nesses grupos sobre o cenário da COVID-19. E, de fato, todas essas características parecem tecer o discurso das mensagens enviadas pelos adeptos das religiões afro-brasileiros frente às crises enfrentadas pelo país, como observamos em mensagem encaminhada no *WhatsApp* no dia 16 de março de 2020, em que o Caboclo Águia Branca, que assina a mensagem, afirma:

Existe uma demanda social nessa crise, mas existe também a demanda espiritual. As duas andam de mãos dadas. Sem a dimensão social caímos no fanatismo. Mas sem a dimensão espiritual caímos no pessimismo e na

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

falta de sentido. (...) Peguem a caixa de ferramenta de vocês e usem todas as ferramentas que vocês têm ao seu dispor. Aprendam sobre resistência com os povos indígenas e africanos: nós sempre fomos e continuamos sendo exterminados. Mas nem por isso paramos de cantar, dançar, fazer fogueira e festa. (...) É através da alegria que se resiste. (...) É o que está sendo solicitado a vocês. Que aproveitem esse tempo para realizarem os seus rituais de busca da visão. Que mundo vocês querem construir para vocês? Por hora [sic], é o que vocês podem fazer: serenidade na tempestade. Se acalmem e rezem. Todos os dias. (...) E cantem, dancem, resistam através da arte, da alegria, da fé e do amor. (Reprodução de mensagem recebida pelas autoras, no grupo “Feminino Sagrado da Penha”, via *WhatsApp*, no dia 8 de abril de 2020).

Tal narrativa caminha na contramão do discurso de Bolsonaro e sua base de apoio, sobretudo porque evoca a memória da resistência dos povos indígenas e dos povos africanos como um caminho de aprendizado e um exemplo a ser seguido. Esses arquétipos são, inclusive, fundamentais para a configuração de religiões como a Umbanda e todo universo cosmológico vinculado a tais tradições. As bases de apoio de Bolsonaro e o próprio Bolsonaro por diversas vezes, em falas e discursos públicos, atacaram indígenas, quilombolas e povos africanos. Essas falas justificavam a exploração e o massacre dessas populações no interesse do capital privado sobre o garimpo, o lucro e o trabalho, que, segundo seu argumento, “fariam a economia girar” (Exame Abril, 2020). Talvez por tal posicionamento, inclusive, os adeptos das religiões afro-brasileiras representavam, segundo pesquisa do Datafolha, em 25 de outubro de 2018, o grupo com menor intenção de voto em Bolsonaro (G1 Globo, 2018). Ainda que a tônica do conservadorismo político-religioso apareça com menos intensidade nas mensagens enunciadas pelas religiões afro-brasileiras, não podemos concluir sobre a inexistência de condutas e narrativas de cunho conservador nesses grupos. Salientamos que, talvez, dadas as particularidades históricas das cosmovisões inerentes a essas religiões, elas seriam mais refratárias ao que vem se constituindo como um discurso conservador na sociedade brasileira.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

A vibração negativa mata: entre vírus e antivírus na Nova Era

Diante das 30 mensagens selecionadas para análise no presente artigo, identificamos que ao menos 15 delas apresentavam características de Nova Era. É interessante postular que, se até agora falávamos de grupos religiosos (como catolicismo, denominações evangélicas, espiritismo e religiões afro-brasileiras), neste momento tratamos essencialmente de características mais gerais alinhadas a fenômenos modernos, como é o caso da Nova Era. Em outras palavras, enquanto movimento que atinge seu clímax a partir da década de 1960, a Nova Era traz uma complexidade especial, na medida em que reflete elementos do contexto no qual se insere, não sendo possível definir *grupos de Nova Era*, mas sim elementos que aproximam alguns discursos religiosos de uma narrativa mais holista, que integra busca do *self*, de autoaperfeiçoamento, autonomia, conexão com a natureza, dentre outros elementos.

Para tanto, os elementos de Nova Era combinam características e técnicas seculares com um certo misticismo, bebendo nas fontes de tradições religiosas ocidentais e, principalmente, não ocidentais. Nesse sentido, a Nova Era tende a manter espaços abertos para uma “totalidade enquanto mistura, espaço aberto para improvisos e desvios, para o contingente e o provisório, (mais) do que para uma ideia e totalidade sistêmica ou hierárquica” (Amaral, 2000, p. 103). O mesmo *sincretismo em movimento* característico à Nova Era dialoga com o afrouxamento dos vínculos religiosos presentes na modernidade (Fernandes, 2012).

A aposta dos indivíduos religiosos alinhados com as narrativas da Nova Era demonstrou, de forma geral, ser estruturada em um discurso construído com metodologia própria, muitas vezes ancorada no discurso científico. Esses discursos, no entanto, podem assumir conotações religiosas ou espiritualistas, amparando-se em percepções e descrições sensoriais. Assim, o uso dos termos “vibrações positivas” e “centros energéticos” são acionados e difundidos como alternativas reais para combater o Coronavírus, que, por sua vez, vibra num patamar muito baixo.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

De acordo com os espíritos de luz que têm descido à Terra (...): Estamos no caminho da Nova Terra, passando pelo momento de Regeneração do planeta, como o micro sempre está para o macro, a regeneração da Terra também diz respeito à regeneração do homem. A cada 40 segundos no ano de 2019, uma pessoa se suicidava, ou seja, vivemos tendo epidemias que não são divulgadas. A vibração negativa mata. Foi decidido dentre as enfermidades que a Terra passaria para termos o despertar de cada alma pela opção mais leve e menos dolorosa que é o vírus. (...) A Itália é o antigo Império Romano que fez muito mal a muitas pessoas e hoje recebe seu Karma. A Espanha idem, pelo fato de ter dominado brutalmente a América do Sul. O vírus tem uma baixa vibração que tem empatia com mentes de baixa vibração (pessoas amedrontadas, egoístas, medo pelo apego e pessoas pouco gratas tendem a ter genética para receber o vírus). A alta vibração como notas agudas são capazes de acabar com o vírus. Tal como a mente cercada de pensamentos positivos e segurança”. (Reprodução de trechos de mensagem recebida pelas autoras, no grupo da igreja daimista “Céu do Espírito Santo”, via *WhatsApp* em 08 de abril de 2020).

Das mensagens de Nova Era que recebemos via *WhatsApp*, a questão da suposta baixa vibração do vírus aparece frequentemente como argumento de que seria necessário um esforço para que os indivíduos vibrassem em mais alto nível. Na maioria das mensagens, os interlocutores não negam que “muitas pessoas morrerão”, mas afirmam que “as pessoas que morrerem, tinham que morrer”, afinal, tratar-se-ia de um período de resolução de karmas individuais e coletivos.

De todo modo, há uma crença de que este seja um momento de transição para a Nova Terra, o que se assemelha à leitura Espírita. No entanto, se o espiritismo propõe uma Terra Regenerada, na qual o progresso moral caracteriza-se como virtude dos novos habitantes do Planeta, o discurso mais característico da Nova Era toca na *vibração* oferecendo recursos técnicos para que assim ela possa ser elevada, correspondendo ao padrão vibratório da Nova Terra. As baixas vibrações, geralmente mencionadas pela Nova Era, estão diretamente ligadas aos sentimentos de ansiedade e medo. Para isso, houve inclusive uma mensagem que

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

enunciava um antivírus espiritual: o *COMVIDA-20*. Segundo o interlocutor da mensagem, todas as vezes que as pessoas ouvissem a palavra “COVID-19”, deveriam pronunciar a contra-palavra “COMVIDA-20”, que vibraria num tom mais alto que o termo científico para Coronavírus e, por sua vez, teria o poder de destruí-lo:

Queridos, a partir de hoje vamos parar de mantrar o nome do vírus da pandemia, da doença! Utilizem o “comvida-20” como remédio eficaz da PNL. Antivírus para cura: COMVIDA-20. Criamos o antivírus “comvida-20”, que combaterá as trevas íntimas, as dores da alma, as loucuras do egoísmo, da vaidade e da perversão e todas as doenças. O “comvida-20” o nome dado para que todos vibrem e se imunizem fortalecendo as suas resistências interiores. (...) não queiras entender tudo, apenas falem, respirem e exalem o antivírus “comvida-20”... Expulsem qualquer temor, fobia, estresse, medo ou sensação de ansiedade e desprovimento. Relaxem e aproveitem o momento de profunda transformação (...). A partir do recebimento desta mensagem, não falem mais do vírus, mas do seu antivírus, substitua no seu dicionário íntimo por “comvida-20”. (...) plasmem o pensamento com o antivírus comvida-20, que é energia de proteção, de amor, de saúde. Lancem esse mantra para todos na sua casa”. (Reprodução editada de mensagem recebida pelas autoras, no grupo “Feminino Sagrado da Penha”, via *WhatsApp*, no dia 05 de abril de 2020).

Outra mensagem postula igual atenção ao nome do vírus, uma vez que a palavra “corona”, por se assemelhar à “coroa” - nome dado a um dos *chakras* humanos⁶, estaria bloqueando esse canal de energia tão importante para a relação do humano com a espiritualidade. Isso se daria em função de uma baixa carga vibratória de medo e angústia que vêm-se atribuindo à palavra “corona” - um dos nomes para o vírus COVID-19.

⁶ De acordo com estudos da cultura hindu, yogue e estudos do ocultismo, teosofia e conscienciologia, são centros etéreos de energia que tendem a funcionar como parte fundamental da dinâmica da subjetividade energética humana.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

Evite associar a palavra coroa ao vírus. Se você precisar nomeá-lo, chame-o pelo nome e ele é COVID 19. Nosso subconsciente está associando a palavra coroa a algo negativo e perigoso. Nossa coroa é o sétimo chakra, é nossa conexão divina; portanto, toda vez que a repetimos, estamos bloqueando o sétimo chakra”. (Reprodução editada de mensagem recebida pelas autoras, no grupo “Feminino Sagrado da Penha”, via *WhatsApp*, em 05 de abril de 2020).

A autonomia dos sujeitos parece ser estruturada em uma lógica individualizante, que ganha destaque nas mensagens de Nova Era sobre a COVID-19. Desse modo, a partir das incertezas científicas próprias ao processo de pesquisa que exige experimentações e testes na busca de cura para a COVID-19, as mensagens de Nova Era propõem uma saída própria, desenvolvendo, inclusive, uma espécie de antivírus energético ou vibracional (o COMVIDA-20), cuja utilização dependeria apenas da autoridade anônima do interlocutor, das crenças e disposições internas de quem o evoca. Sendo assim, qualquer pessoa que recebe a corrente pelo *WhatsApp* tem a possibilidade de acessar esse “conhecimento” postulado.

Considerações finais

O presente artigo objetivou apresentar algumas tensões do campo religioso frente à COVID-19 no Brasil, explicitando elementos que nos pareceram fundamentais neste processo, sendo eles: (1) O alinhamento de alguns grupos católicos e evangélicos ao presidente Bolsonaro acionando, cada uma dessas partes, suas narrativas conservadoras político-religiosas frente à pandemia; (2) narrativas de caráter conservador de outros grupos religiosos, cuja conotação se articula em três eixos: valores morais, resgate do planeta e interpretações apocalípticas sobre o vírus.

É importante sublinhar que o conservadorismo político-religioso, nos termos apresentados, não está presente na mesma intensidade ou em igual proporção entre os grupos. Durante um contexto de crise sanitária acentuada com

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

a Pandemia da COVID-19, dimensões desse conservadorismo seguem influenciando e contribuindo para o fortalecimento da crise política do país. As contradições do atual cenário político complexificam a análise sobre o conservadorismo político-religioso, pois o termo possui dimensões que são acionadas pelos grupos religiosos em direções nem sempre óbvias (Fernandes, 2021a). Como vimos, determinados segmentos evangélicos e católicos se unem diante de uma agenda moral e com grande preocupação nacionalista. Há, entre esses grupos, afinidades que os aproximam e os distanciam, especialmente em sua disputa pelo espaço público (Camurça, 2017).

A pauta da “vida”, como costuma ser acionada pelos grupos religiosos, demonstra ser muito cara para as religiões cristãs, incluindo o Espiritismo e, em menor grau, a Umbanda. No entanto, na Umbanda, seja pela influência das religiões africanas e indígenas, seja pela influência das tradições populares da cultura brasileira – como o catolicismo popular, com suas práticas de afeto e festividade (Camurça, 2009), apresenta em seu discurso, nas mensagens analisadas, uma compreensão sobre vida muito mais abrangente. Assim, as narrativas das religiões afro-brasileiras se distanciam das narrativas que são majoritariamente defendidas pelos grupos cristãos. Se trabalharmos com noções típicas ideais, nos termos weberianos, a defesa da vida para os católicos e evangélicos aparece mais fortemente em termos de espaço público, por exemplo, enfocando a oposição ao aborto e apoio a agendas morais e tradicionalistas, conforme também observado em outros cenários, como aqueles estudados por Pedroza Gallegos, Patiño López e Velázquez Lacoste (2021), enquanto para a Umbanda e o Candomblé, sugere a ideia de resistência pessoal e coletiva, num sentido histórico-cultural que encontra forte relação com os povos indígenas e africanos.

Discutimos ainda que o chamado conservadorismo político-religioso não estará atrelado diretamente aos valores ascéticos da política, conforme pontuava Jessé Souza (2018). Ao contrário, secularismo e religião se mostram conectados, num âmago de relações inseparáveis como já apontado por vários teóricos da

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

secularização. Nesse aspecto, o que percebemos é a participação histórica do conservadorismo político-religioso durante a construção do Brasil, enquanto elemento que permeia as relações e a política empreendida no país. Não nos impressiona que, em busca da interação com a população, as religiões tenham sido ponta de lança no que diz respeito à troca de informações de como lidar com a pandemia. Elas oferecem interpretação, leitura de conjuntura, bem como recursos de combate, consolo e de autocuidado que um estado fragilizado não oferece (Bobsin, 2007). No governo de Bolsonaro, o desamparo da população frente à expansão do vírus pode ser um elemento ainda mais forte para a proliferação de ofertas e “saídas” religiosas-interpretativas acerca da Pandemia.

Entre grupos e pessoas orientadas pela mentalidade da Nova Era, o conservadorismo político-religioso também se apresenta a partir de uma outra linguagem cristã em relação às demais religiões analisadas. Isto porque o eixo principal é a vibração energética ligada às próprias emoções dos indivíduos. Identificamos o uso recorrente de uma linguagem técnica que tece contornos à explicação simbólica presente nessas mensagens e que lhes imprime um tom psicologizante. Assim, esses sujeitos defendem e difundem o uso de técnicas de manutenção e elevação vibratória durante a pandemia.

A descrença nas instituições tradicionais, como consequência da instabilidade que tece o cenário cotidiano brasileiro no contexto da COVID-19, serve como instrumento de discursos religiosos que valorizam a subjetividade dos indivíduos, em detrimento de verdades postuladas pela ciência e instâncias de autoridade. O discurso dos religiosos com características de Nova Era escancara a contradição do momento: enquanto a ciência médica tem sido levantada como grande fonte de legitimidade, como nas recomendações do isolamento social, a preocupação com a Economia parecia tecer diferentes alternativas com relação ao vírus. Em muitos discursos do presidente Bolsonaro, economia e saúde foram polarizadas, a despeito da acusação do presidente de que tal polarização vinha da sociedade (Fernandes, 2021a).

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

Estamos cientes de que conservadorismo político-religioso não é suficiente para categorizar a atuação de alguns movimentos religiosos no Brasil durante a pandemia, uma vez que suas narrativas apontaram para a existência da conjugação de vários elementos, conforme assinalamos. Isto é, o próprio conservadorismo político-religioso assume alguns aspectos de maleabilidade e porosidade – o que o torna suscetível a novos arranjos e definições. O conteúdo analisado no presente artigo está para além da dicotomia conservador/não conservador, uma vez que, em diferentes dimensões, o conservadorismo se mostrou presente nas narrativas religiosas que, de modo paradoxal, interpretaram o período inicial da pandemia da COVID-19 como um *turning point*. Ao mesmo tempo, o conservadorismo político-religioso demonstrou ser um dos eixos comuns entre vertentes distintas que se sintonizaram em pautas comuns na agenda política, caberá explorar em trabalhos posteriores as movimentações das diversas correntes cuja expressão analisamos de modo exploratório neste artigo.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias

- Almeida, R. (2019). “Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira”. *Novos estudos. Cebrap*, 38(1), pp.185-213.
- Amaral, L. (2000). *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na nova era*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Berger, P. L. (2017). *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. (1. Ed). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Berger, P. L.; Luckmann, T. (2018). *Modernidade, pluralismo e a crise de sentido: orientação do mundo moderno*. (3. ed. atual). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Beloti, S. A. (2019). “Umbanda, o Candomblé e a Questão Moral”. *Sacrilegens*, 1(1), pp.82-98

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

- Bobsin, O.; Link, R. S.; Nuñez de La Paz, N. I. & Reblin, I. (Orgs.). (2007). *Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro*. São Leopoldo: Oikos.
- Burity, J. & Andrade, P. (2011). *Religião e Cidadania*. São Cristóvão: Ed. UFS; Recife: Fundação Joaquim Nabuco.
- Camurça, M. A. (2009). “Entre sincretismos e guerras santas: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro”. *Revista USP*. (81), pp.173-185.
- Camurça, M. A. (2017). “A questão da laicidade no Brasil: mosaico de configurações e arena de controvérsias”. *Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 15(47), pp. 855-886.
- Caprara, A. (1998). “O médico ferido: Omolu nos labirintos da doença”. In: P. C. Alves & M. C. Rabelo (Orgs.) *Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras* (pp. 123-138). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará.
- Costa, V. & Portella, R. (2019). “O Moderno Espiritualismo: uma reflexão sobre a produção de sentidos religiosos na modernidade”. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 11(33), pp. 171-189.
- Coutinho, J. P. (2014). *As ideias conservadoras explicadas a revolucionários e reacionários*. São Paulo: Três Estrelas.
- Cunha, M. N. (2016). “Religião e Política: Ressonâncias do Neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras”. *Perseu: História, Memória e Política*, 11, pp.147-166.
- Cunha, M. N. (2020). *Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos Direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação*. Salvador (Bahia): Koinonia. Presença Ecumênica e Serviço.
- Fantini, J. A. (2014). “Editorial: Pós-verdade ou o triunfo da religião”. *Leitura Flutuante – Revista de estudos em Semiótica e Psicanálise*, 8(2). PUC-SP. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/31767>> acesso em 01 de maio de 2020.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controvérsias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

- Fernandes, S. R. A. (2012). *Religião e religiosidades na contemporaneidade*. pp. 59-66 in Congreso Continental de Teología. La teología de la liberación en perspectiva, Editado por Fundación Amerindia (Rio Grande do Sul). São Leopoldo, RS: Fundación Amerindia; Doble Clic Editoras.
- Fernandes, S. R. (2019a). “The Catholic Charismatic Renewal and the Catholicism That Remains: A Study of the CCR Movement in Rio de Janeiro”. *Religions*, 10(6), pp.397-417. <https://doi.org/10.3390/rel10060397>
- Fernandes, S. R. (2019b). “Sociologia da juventude - olhares interdisciplinares e intertemáticos”. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, 9(2), pp. 339-350.
- Fernandes, S. R. (2021). *Christianity in Brazil - An Introduction from a Global Perspective*. London: Bloomsbury Academic.
- Gahyva, H. (2017) “Notas Sobre o Conservadorismo: elementos para a definição de um conceito”. *Política & Sociedade*, 16(35), pp.299-320.
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP.
- Giumbelli, E. (2014) *Símbolos religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome.
- Kardec, A. (2007). *O livro dos espíritos*. (3. ed.). Catanduva, SP: Boa Nova.
- Lewgoy, B. (2006). “Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações”. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, 6(2), pp. 151-167.
- Luhmann, N. (2007). *La religión de la sociedad*. Madrid: Trotta.
- Luna, N. (2002). “As novas tecnologias reprodutivas e o estatuto do embrião: um discurso do magistério da igreja católica sobre a natureza”. *Política Social*. 3(1), UFF, Niterói, pp.83-100.
- Machado, M. D. C. (2014). “Discursos pentecostais em torno do aborto e da homossexualidade na sociedade brasileira”. *Revista Cultura y Religión*, 7(2), pp.48-68.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

- Mansilla, M. A. (2020). “La escritura y la religión en tiempos de pandemia”. *Revista Cultura Y Religión*, 14(2), pp. i-vii.
- Mariano, R. (2004). “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”. *Estudos Avançados*, 18(52). São Paulo, pp. 121-138.
- Mariano, R., & Oro, A. P. (2014). Introdução ao dossiê: Religião, política, espaço público e laicidade no Brasil. *Revista Cultura y Religión*, 7(2), pp. 4-12.
- Miguel, A. N. (2010). “O espiritismo frente à igreja católica em disputa por espaço na Era Vargas”. *Revista Esboços*, 17(24). Florianópolis, pp. 203-226.
- Montero, P. (2014). “Religião, Laicidade e Secularismo. Um debate contemporâneo à luz do caso brasileiro”. *Revista Cultura y Religión*, 7(2), pp.13-31.
- Negrão, L. N. (1996). “Magia e Religião na Umbanda”. *Revista USP*, (31), pp.76-89.
- Oakeshott, M. (1999). “Do fato de ser conservador”. In: A. Crespigny & J. Cronin, *Ideologias Políticas* (pp. 21-42). Brasília: UNB.
- Pedroza Gallegos, B. I., Patiño López, M. E. & Velázquez Lacoste, P. (2021). Espacio Público, Sociedad Civil y Creencias Religiosas: Origen y filiaciones del Frente Nacional Por La Familia (FNF) en México. *Revista Cultura y Religión*, 15(2), pp.135-166.
- Prandi, R. (1990). “Modernidade com Feitiçaria: Candomblé e Umbanda no Brasil do Século XX”. *Tempo social*, 2(1), pp.49-74.
- Rampinelli, W. J. (2011). *Fátima, o salazarismo e o colonialismo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/waldir-jose.pdf>> acesso em 01 de maio de 2020.
- Romano, R. (1994). “O Pensamento Conservador”. *Revista de Sociologia e Política*, 3. Universidade Estadual de Campinas, pp.21-31.
- Signates, L. (2019). “Espiritismo e política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil”. *Caminhos – Revista de Ciência da Religião*, 17(4), pp. 138-154.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

- Silveira, E.J.S. (2008) “Terços, “Santinhos” e Versículos: A relação entre Católicos Carismáticos e a Política”. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, 8(1), pp. 54-74.
- Souza, A. S. (2016). “Iniquidade ou elã neofundamentalista? Considerações sobre religião e política no Brasil”. *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, 19(2). Juiz de Fora, pp. 113-140.
- Souza, A. S. (2017). *O legado fundamentalista do Seminário Teológico de Westminster: reformistas x reconstrucionistas no espaço público americano*. [Tese de Doutorado em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora]. Repositório de Teses da UFJF. <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/4483/1/andreasilveira-desouza.pdf>
- Souza, A. S. (2019). “Religião e Educação: as marcas do fundamentalismo religioso no programa ‘Escola sem Partido’”. *Religare*, 16(1), pp.09-33.
- Souza, J. (2018). *A classe média no espelho*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.
- Stark, R. (1999). “Micro foundations of religion: a revised theory”. *Sociological Theory*, 17(3), p. 264-289.
- Van Der Port, M. (2012). “Candomblé em rosa, verde e preto. Recriando a herança religiosa afro-brasileira na esfera pública de Salvador, na Bahia”. *Debates do NER*, 2(22), pp.123-164. <https://doi.org/10.22456/1982-8136.36521>
- Weber, M. (2003). “Religião e Racionalidade Econômica”. In: G. Cohn (Org.). *Sociologia* (7ª ed., pp. 143- 159). São Paulo: Editora Ática.

Fontes secundárias

- BBC News Brasil (2020). Coronavírus: OMS declara Pandemia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51842518>> BBC NEWS. Acesso em 06 de maio de 2020.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

- El País (2020). Bolsonaro participa de roda de oração e expõe novamente conflitos com membros de seu governo. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/politica/2020-04-05/bolsonaro-participa-de-roda-de-oracao-e-expoe-novamente-conflitos-com-membros-de-seu-governo.html>> EL PAIS BRASIL. Acesso em 03 de julho de 2020.
- Exame Abril (2020). Bolsonaro defende exploração de terras indígenas. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-defende-exploracao-de-terras-indigenas-e-chama-ongs-de-picaretas/>> Acesso em: 06/05/2020.
- FEB (2020). Nota de esclarecimento. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/portal/2020/03/14/nota-de-esclarecimento/>> FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Acesso em: 01 de maio de 2020.
- G1 Globo (2018). Eleição em números: Datafolha, 25 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>>. G1 GLOBO. Acesso em 03 de julho de 2020.
- G1 Globo (2020). China tem a primeira morte por misteriosa pneumonia viral. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/11/china-tem-1a-morte-por-misteriosa-pneumonia-viral.ghtml>> Deutsche Welle. Acesso em 06 de maio de 2020.
- IBGE (2010). Censo 2010 IBGE. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>> acesso em 06 de maio de 2020.
- Notícias UOL Brasil (2020 (a)). Leia o pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro, do dia 24 de março de 2020, na Íntegra. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o->

pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm> UOL BRASIL. Acesso em 30 de abril de 2020.

Notícias UOL Brasil (2020 (b)). “Gripezinha”: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19”. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.html> UOL BRASIL. Acesso em 17 de junho de 2020.

Notícias UOL Brasil (2020 (c)). Em dia de jejum, evangélicos fazem oração por Bolsonaro no Alvorada. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/04/05/em-dia-de-jejum-evangelicos-fazem-oracao-por-bolsonaro-no-alvorada.html>> UOL BRASIL. Acesso em 01 de maio de 2020.

Notícias UOL Brasil (2020 (d)). Apesar da CNBB, Renovação Carismática Católica diz que adeptos apoiam Bolsonaro. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/04/08/apesar-da-cnbb-renovacao-carismatica-catolica-diz-que-adeptos-apoiam-bolsonaro.html>> UOL BRASIL. Acesso em 01 de maio de 2020.

Rede Brasil Atual (2020). Pastores criticam jejum convocado por Bolsonaro contra a COVID-19. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2020/04/pastores-criticam-jejum-convocado-por-bolsonaro-contr-a-covid-19/>> Autor: Marcelo Santos. Acesso em 01 de maio de 2020.

Rede Fale (2022) O que é o Fale? <http://redefale.blogspot.com/2007/04/o-que-o-fale.html>

YOUTUBE (2020 (a)). Pinga Fogo com Chico Xavier, Programa 1 – Completo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8JD3wmC2ABU>> Acesso em 06 de maio de 2020.

Sarto, G., Valamiel, P. y Fernandes, S. (2022). Entre clamor, transição e vibrações: Controversias sobre conservadorismo e campo religioso brasileiro no contexto da COVID-19. *Revista Cultura y Religión*, 16(2), 100-136.

YOUTUBE (2020 (b)). “Em 15 dias”. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=AAyjZz8HWhA&t=41s>> Acesso
em 08 de julho de 2020.